

**PRÁTICA DA LETRA,
USO DO INCONSCIENTE**

Coleção TerramaR

Coordenadores

Nina Virgínia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar/Uruguai – Outrarte/Unicamp)

Conselho Editorial

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flavia Trocoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Nina Leite
Suely Aires
(organizadoras)

**PRÁTICA DA LETRA,
USO DO INCONSCIENTE**

MERCADO[®]
 LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prática da letra, uso do inconsciente / Nina Leite, Suely Aires, organizadoras.
-- Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016. -- (Coleção Terramar)

Vários autores.

Bibliografia

ISBN 978-85-7591-461-8

1. Duras, Marguerite, 1914-1996 2. Ensaio 3. Linguística 4. Psicanálise e escrita I. Leite, Nina. II. Aires, Suely. III. Série.

16-08482

CDD-401.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise e escrita : Psicolinguística : 401.9

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Mariana Marques Moraes
revisão final: Editora Mercado de Letras

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

DEZEMBRO/2016

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na lei.

Sumário

Apresentação	9
Conferência	
Desde el manicomio, un poeta.	15
<i>Raquel Capurro</i>	
CENA ENUNCIATIVA: M. DURAS, J. LACAN	
Beijos d'alíngua: a prática da letra de Marguerite Duras	41
<i>Dominique Fingermann</i>	
<i>Flor de amor que morde o peito: Lol V. Stein e o efeito Duras</i>	53
<i>Flavia Trocoli</i>	
Duras e o nome-objeto: de atos que não fazem série	67
<i>Ana Costa</i>	
Tempo e Espera: considerações sobre o olhar em Lol V. Stein	77
<i>Suehy Aires</i>	
"Chaque personne d'honneur choit de perdre sa conscience que de son honneur" ou sobre <i>O arrebatamento de Lol V. Stein</i>	87
<i>Markus Lasch</i>	

O arrebatamento de Lol V. Stein e a concepção de – trauma tempo que passa e que não passa	101
--	-----

Ana Rosa de Sousa Amor

A face oblíqua da leitura: uma ferida na escrita de Lol V. Stein	109
---	-----

Patrícia de Oliveira Leme

Duras: o absoluto feminino de ninguém	127
---	-----

Lucia Castello Branco

TRADUÇÃO E OUTRAS PRÁTICAS DA LETRA

Descansando a nuca sobre uma almofada de couro: acerca da constituição poética da objetividade analítica	139
--	-----

Gilson Iannini

A tradução e a psicanálise nos limites da metáfora e além deles	159
--	-----

Pedro Heliodoro Tavares

Traduzir ≠ falha com a escrita arrebatada de Marguerite Duras.	167
---	-----

Viviane Veras

Uma falha de tradução.	177
--------------------------------	-----

Paulo Sergio de Souza Jr.

A letra nos anagramas e na fala da criança	185
--	-----

Glória Maria Monteiro de Carvalho

“Os poemas são para nós uma ferida”: os cadernos terapêuticos de Ana Cristina César	195
--	-----

Livia Santiago Moreira

Uma dança em outra cena	209
-----------------------------------	-----

Fabíola Vieira Bertotti

Daniela Scheinkman Chatelard

ESCRITAS DA CLÍNICA

Caso/fato clínico: a transmissão entre a conceitualização e a formalização	221
---	-----

Nina Virginia de Araujo Leite

Usos e Abusos do Último Lacan.	231
--	-----

Christian Ingo Lenz Dunker

Holófrase e lalíngua	241
--------------------------------	-----

Angela Vorcaro

Alice Oliveira Rezende

A dimensão da objetividade na clínica psicanalítica	259
--	-----

Cristóvão Giovanni Burgarelli

La transferencia citada textualmente.	271
---	-----

Gonzalo Grau-Pérez

J. Guillermo Milán-Ramos

Transferência na psicose (resistência e saber-fazer do analista)	287
---	-----

Mariana Marques Moraes

Escritos de loucos: delírio e romance no caso Aimée.	295
---	-----

Karen Martins Alves

“Isso fala” – considerações sobre o inconsciente na psicose.	303
---	-----

Keylla Barbosa

Escrever: selo de uma carta esquecida 313

Janaína de Paula

Da catástrofe aos tempos da devastação: notas
sobre a transmissão da psicanálise 321

Mariângela de A. Maximo Dias

O Amor e o (a)muro frente à impossibilidade
da relação sexual 333

Camila Rebem

A

presentação

“Da arte temos que tomar a semente... tomar a semente para uma outra coisa, quer dizer, para fazer dela esse terceiro que ainda não está classificado, fazer disto esse algo que está escorado na ciência de um lado, e que toma da semente da arte do outro” (Lacan 1974). Eis ao que nos convida Lacan: ao desassossego de outrar-se, de buscar inscrever um lugar para a psicanálise entre ciência e arte, cuja insistência se faz pelo compromisso ético com a transmissão e a reinvenção da própria psicanálise.

Nessa coletânea, o *Centro de Pesquisas Outrarte – psicanálise entre ciência e arte* – toma como elemento provocador de trabalho um fragmento de frase que, não por acaso, se encontra em Homenagem a “Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein” (Lacan 1965). Arrebatado pelo texto literário de Marguerite Duras, Lacan afirma: “Que a prática da letra converge com o uso do inconsciente é tudo de que darei testemunho” (Lacan 1965[2003, p.199]). Testemunho do que se afirma como ato de leitura e de interpretação em que Lacan, por meio do desenrolar e reenodar de um fio, faz operar letra e inconsciente. Mais uma vez, o artista precede o psicanalista em sua matéria e Marguerite Duras revela saber sem Lacan aquilo que ele ensina: *prática da letra, uso do inconsciente*. Os efeitos dessa operação de leitura e as consequências que daí podem advir é o que nos lança ao trabalho de atar, retorcer, refazer nós.

É nesse volteio de leitura que a conferência de Raquel Capurro nos convida a conhecer a história e o trabalho de Leopoldo María Panero – Louco? Poeta? Poeta louco? – para daí colocar em questão os limites e modos de leitura de seus escritos, no jogo tensional entre arte e psicaná-

lise. Panero se dedica à incessante construção de uma borda sobre o que não cessa de não se inscrever, tarefa impossível de sua escrita poética, que “toca as bordas onde o real se identifica com o impossível”. Pelo menos essa é a *leitura-aposta* de Capurro que, no labirinto da vida do poeta-louco, segue o fio de Ariadne ao colocar a poesia como guia que permite reconhecer a escritura poética para além da loucura.

Mas é a *Cena Enunciativa*, entre Marguerite Duras e Jacques Lacan, que insiste e faz girar discursivamente os trabalhos de leitura e gestos interpretativos dispostos nos artigos e ensaios que se encontram na primeira parte dessa coletânea. No ensaio *Beijos d'alíngua: a prática da letra de Marguerite Duras*, Dominique Fingermann retoma J. Lacan ao afirmar que *a prática da letra converge com o uso do inconsciente* para, a partir desta proposição, considerar o que Duras ensina: as artimanhas para fazer com que um *sens* (sentido) seja *ab-sens* (ausente), levando à superfície um sentido ausente. Flavia Trocoli, em um giro interpretativo, enfatiza o *efeito Duras*: efeito de arrebatamento do leitor em que o fracasso das construções de sentido parece insistir a cada volta, revelando que o saber-fazer de Marguerite Duras com a letra coloca-se em ato, em uso, e não em subordinação ao inconsciente.

O artigo *Duras e o nome-objeto*, de Ana Costa, dá ênfase à relação entre onipresença e ausência, que se sustenta na montagem de uma estrutura do olhar em que a construção narrativa permite ao leitor estar em outro lugar. Essa construção confirma a indefinição/enigma de Lol que, da passagem entre significante, traço e letra, faz-se cifra e nome – Lol V. Stein. O jogo de olhares reapresenta-se no ensaio de Suely Aires: no volteio entre tempo e espera, uma construção fantasmática se dá a ver a partir do que se coloca entre significante e objeto. Fantasma que captura o leitor e insiste nos restos do texto, nó que se desata.

Markus Lasch, por sua vez, detém-se na letra de Duras para apontar que, após a leitura do texto, o que resta são crença, invenção e imaginação de Jacques Hold, contornando a ausência central de Lol V. Stein. “Ninguém pode conhecê-la”, dirá Duras. Como romance da “des-pessoa” (*dé-personne*), da im-personalidade, o que caracteriza o escrito é uma obscuridade limite. Nesse sentido, o trauma é tão real quanto intangível. Resta ainda a palavra. É por meio da concepção de trauma que Ana Rosa de Sousa Amor discute a dimensão temporal, do tempo que passa e que não passa. Em seu artigo *O Arrebatamento de Lol V. Stein e a concepção de trauma*, a autora apresenta as formulações de Freud e de Lacan acerca da repetição e dos limites da rememoração para pensar a experiência temporal incons-

ciente. Nesse contexto, considera que Marguerite Duras se expressa em uma temporalidade que anuncia um encontro ao qual somos chamados por algo que escapa, conduzindo à hiância, sempre aberta, introduzida pela ausência.

Se o tempo e o trauma se fizeram presentes nos textos anteriores, no ensaio *A face oblíqua da leitura*, de Patrícia Leme, um gesto interpretativo, desdobrado em três tempos, nos convida à leitura. Do impossível de representar que se faz *um buraco de carne à leitura em pleno rosto, ferida que Duras escreve*, o ensaio avança até o momento em que *o verbo se faz carne, face escrita*. Mas o texto de Lol V. Stein, por não ser passível de escrita, nos convida à leitura como reconstituição de um movimento através da especificidade de um traço: reconstrução do rosto, *figura de ferida*. O último ensaio desta parte, *O absoluto feminino de ninguém*, de Lúcia Castello Branco, problematiza as escritas de Duras e de Llansol em que o feminino se inscreve mais além do falo, como um “feminino de ninguém”. Desse modo, a indistinção e a continuidade que a poesia almeja se fazem presentes e ausentes, fórmula de amor.

Se os ensaios e artigos até o momento apresentados dedicam-se à letra de M. Duras na cena enunciativa composta com Lacan e por Lacan, os textos da segunda parte desta coletânea dedicam-se a pensar *outras práticas da letra*. O ensaio de Gilson Iannini inaugura esse tópico ao discutir a constituição poética da objetividade analítica por meio da construção do conceito de pulsão ao longo dos clássicos textos freudianos. Esse percurso, que se faz argumentativamente provocativo, conduz o leitor a pensar a metapsicologia *entre ciência e estética*, em uma subversão prenhe de efeitos. Há, como nos diz o autor, um aspecto especulativo irreduzível tanto na ciência, quanto no mito, quanto na escritura, que convive intimamente – *(un)heimlich* – com a racionalidade psicanalítica.

Pedro Heliodoro Tavares, em seu artigo *A tradução e a psicanálise nos limites da metáfora*, defende que uma tradução, mais do que fazer a mediação entre o estranho e o familiar, pode revelar a estranheza (*Unheimlichkeit*) na aparente familiaridade (*Heimlichkeit*), bem como a familiaridade na aparente estranheza. Se entendida como um “salto no ar”, a tradução nos retira por um momento de uma ancoragem em terreno firme, para termos que refazer novamente nossas tessituras. O ensaio de Viviane Veras produz, já em seu *título-escrita*, a falha que guia o texto e a tradução. Entre línguas e na letra de M. Duras, o que se constitui é da ordem de uma escrita na falha em que se traduz... *≠* falha. Duplo jogo que conduz o leitor entre rastros

e rasuras que escondem o que pretendem mostrar e revelam a prática da letra: com as palavras que faltam, na tradução, fazê-las faltar no lugar certo. *Uma falha de tradução* é o título do ensaio de Paulo Sergio de Souza Jr. que se detém sobre o recalçamento [*Verdrängung*] como um problema de tradução entre os registros do psíquico, tal como indicado por Freud. Problema de tradução que, no entanto, se apresenta como falha, abrindo a perspectiva de se realocar os vazios e limitar o sentido.

Glória Carvalho, em seu artigo *A letra nos anagramas e na fala da criança*, exercita a prática da letra de um modo particular, em que a letra se apresenta como sendo *aquilo que se precipita do significante*. É nesse sentido que a autora discute a precipitação da letra na fala de uma criança, bem como nos anagramas saussurianos, para daí se incluir e perguntar sobre os destinos da letra, daquilo que insiste e resta do significante do investigador/pesquisador/autor frente à fala da criança. Em seu artigo, Livia Santiago Moreira aborda a poesia de Ana Cristina César para pensar sublimação e melancolia, na condição de se produzir uma resposta – ainda que temporária e singular – para a questão que insiste: *o real vive ou morre no poema?* É também como prática da letra que o ensaio *Uma dança em outra cena* se propõe pensar o puro gesto, desde um tempo anterior, primordial, que permite ao psicanalista um certo *savoir-faire*. Nesse contexto, segundo as autoras, a dança estaria a serviço da Outra cena no que remeteria à alteridade da *Coisa*. É por meio da dança e do gesto que insiste em Pina Bausch que se afirma, com Lacan, que “um corpo, que se movimenta pra lá e pra cá, é preciso que ele se baste”.

O terceiro e último tópico da presente coletânea – *Escritas da Clínica* – parte do uso do inconsciente naquilo que se distancia, converge e provoca a prática da letra. Nina Leite, ao discutir o caso/fato clínico, coloca em questão a transmissão em psicanálise, sustentando-se em questões provocativas que atam e desatam nós: ponto de mudez que convoca a enunciação e testemunha o impossível a transmitir. É também de forma provocativa que Christian Dunker discute a construção do caso clínico em relação à própria formulação da teoria lacaniana: o autor busca saber como as possíveis transformações no estatuto da linguagem, dos conceitos e da clínica psicanalítica, até o momento que se convencionou chamar de último Lacan, poderiam impactar o trabalho de construção de casos clínicos – perspectiva epistemológica que permite diferentes leituras.

O artigo *Holófrase e lalíngua*, de Angela Vercaro e Alice Oliveira Rezende, insere-se na dimensão eminentemente clínica de uma pesquisa que

visa avançar na investigação sobre as emissões sonoras do *infans*, em seus primeiros modos de testemunhar seu afetamento pela linguagem. Para tanto, as autoras discutem a dimensão de gozo inscrita em *lalíngua* e na *hólofrase*, compreendendo-as como manifestações distinguíveis de um sujeito ainda por vir. Do gozo ao objeto *a*, o artigo *A dimensão da objetividade na clínica psicanalítica*, de Giovanni Burgarelli, busca articular prática da letra, uso do inconsciente e angústia. Nesse artigo o autor exercita uma prática da letra que permite *a*-prender com Duras e com o testemunho de Lacan para daí pensar a clínica psicanalítica.

O enigma que a psicose produz, em seu enodar e desenodar de fios, guia os textos a seguir em diferentes modos de pensar escritas da clínica. *La transferencia citada textualmente*, de Gonzalo Grau e Guillermo Milán-Ramos, indaga o modo em que o fenômeno da *trasferência* se inscreve na escrita de um caso clínico médico-psiquiátrico publicado, em 1905, na *Revista Médica del Uruguay*. Com valor histórico relevante, o artigo contribui para a compreensão da situação da clínica e da escrita de caso em uma conjuntura histórica e política distinta da atual. Afastando-se do modelo clínico psiquiátrico, Mariana Moraes discute a transferência na psicose por meio da posição do analista, construindo um texto que segue três momentos lógicos – momento “teórico”, “clínico” e “teórico-clínico” –, que se cruzam, determinam e remetem um ao outro. Esse percurso permite colocar em questão o enunciado de Freud à luz de sua enunciação.

É também sobre a psicose que se detém o artigo de Karen Alves, ao retornar ao caso Aimée em sua relação com a produção escrita de psicóticos, indicando o que a escrita permite construir em torno do delírio. Da escrita à fala, o artigo de Keylla Barbosa, *Isso fala – considerações sobre o inconsciente na psicose*, discute a afirmação lacaniana de que o psicótico dá testemunho do inconsciente em sua condição de mártir. Nesse contexto, o reconhecimento social da fala do psicótico ganha destaque e permite pensar modos de enodamento clínico, em um trançamento de fios que implica endereçamento. *Escrever: selo de uma carta esquecida*, de Janaína de Paula, permite que uma carta chegue a seu destino. Como carta roubada, a oficina de escrita com psicóticos produz efeito de tessitura. Clínica da escrita, prática da letra.

A escrita da clínica ganha outra inflexão ao falar de amor. Em *Da catástrofe aos tempos da devastação*, Mariângela Máximo Dias discute, a partir do relato clínico, o encontro de Freud com o feminino. O significante “catástrofe” se faz presente sob a pena de Freud e determina o rumo do

texto ao ser articulado ao significante “devastação”, como acontecimento circunscrito por Lacan. É também nas discussões sobre o amor – e o (a) muro – que um outro modo de problematizar o feminino surge no artigo de Camila Rehem, em volteio e enodamento. Ainda que uma estratégia amorosa tente recobrir uma falta, esse recobrimento e seu fracasso não permitem que o amor faça de dois, Um. Novo reenodar e desenrolar de um fio.

Entre fios e nós, um gesto possibilita tessitura. Ao fim do percurso de leitura dessa coletânea, esperamos, pelo endereçamento que aqui se constitui, que o trabalho de atar, desfazer e reatar nós ganhe ainda uma volta, aquela que permite ao leitor levar mais além uma prática da letra em sua relação com o inconsciente.

*Suehy Aires e
Nina Leite*